

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n35.13>

## Mutabilidade do ser: considerações sobre Caliban a partir da linguagem em *A tempestade*, de William Shakespeare

*Changeability of the being: considerations about Caliban based on language in William Shakespeare's The Tempest*

Josivan Antonio do Nascimento\*  
Sebastião Alves Teixeira Lopes\*\*

**Resumo:** Este artigo examina a mutabilidade do ser em Caliban a partir do modo como este é referenciado em linguagem por Próspero, Miranda e outras personagens da peça *A tempestade*, de William Shakespeare. A pesquisa parte da hipótese de que o *eu* como ser é concebido como iconização de um *eu* em fluidez. O estudo considera as contribuições semióticas de Peirce (2010) e a perspectiva de linguagem apresentada por Sharma (2015), Escobar Negri (2014) e Centeno (1995). Nossas análises destacam que a ideia de identidade é perecível na medida em que o *eu* se constitui como inconstância. Aproximar-se do *outro* faz o *eu* crescer e tornar-se consciente de si. Por conseguinte, Caliban torna-se fluido e inconstante por mudar de comportamento e forma de pensar.

**Palavras-chave:** Shakespeare. *A tempestade*. Caliban.

**Abstract:** This article examines the changeability of being in Caliban based on how he is referenced in language by Prospero, Miranda, and other characters in William Shakespeare's *The Tempest*. The research emerges from the hypothesis that the *self* as a being is conceived as an iconization of a flowing *self*. The study considers the semiotic assumptions discussed by Peirce (2010) and the language perspective provided by Escobar Negri (2014), Sharma (2015), and Centeno (1995). Our analyses highlight that the idea of identity is perishable as the *self* is constituted as an inconstancy. Approaching the *other* makes *the self* grow and become self-aware. Consequently, Caliban becomes fluid and inconstant for changing his behavior and way of thinking.

**Keywords:** Shakespeare. *The Tempest*. Caliban.

\* Universidade Federal do Piauí (UFPI), Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI).

\*\* Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Esta pesquisa faz um exame da mutabilidade do ser da personagem Caliban<sup>3</sup> a partir da linguagem na peça *A tempestade*, de William Shakespeare, observando seu processo de aculturação. As análises são conduzidas por meio da relação comunicativa e referencial que as demais personagens estabelecem com Caliban, especialmente Próspero (legítimo duque de Milão), Miranda (filha de Próspero), Trínculo (um bobo) e Stephano (despenseiro bêbado). Nosso estudo parte da hipótese de que o desdobramento que Shakespeare reflete na linguagem quanto ao tratamento do enredo da peça permite-nos pensar o conceito de *mutabilidade do ser* por existir uma relação triádica que constitui o *eu*<sup>4</sup> como *ser-estar*, o que nos impulsiona a identificá-la. Para isso, relevamos para as análises a ideia de qualidade como possibilidade, obsistência e transuasão desenvolvida pelo filósofo Peirce (1839-1914), além das contribuições de Escobar Negri (2014), Centeno (1995) e Sharma (2015).

Começamos nossa discussão afirmando que a linguagem atribui poder à coisa nominada e iconiza o *ser* em continuidade: um carro que passa à nossa frente é e *está* para nós somente enquanto há presença entre nós e ele. Depois de passar, o carro deixa de *ser-estar* para nós, embora continue a *existir* para si próprio. Logo, o ato de ser-estar presente para alguém ou alguma coisa constitui-se como represamento da fluidez do ser que é *in continuum*. Partindo desse contexto, Caliban remete-nos a pensar o ser a partir de três categorias: o ser como possibilidade, o ser como obsistência e o ser como transuasão. Essas categorias se dão quando surge o modo de *Caliban-signo*, forma que utilizamos aqui para enfatizar Caliban como um signo a partir do encontro com Próspero. Antes, Caliban habitava a ilha como um modo de *vir-a-ser-para*. Então quem é Caliban? Caliban é um *signo* que se faz ser o que é com a presença do outro.

---

<sup>3</sup> Para não gerar discrepância entre os nomes próprios das personagens de *A tempestade* mencionados no texto e aqueles presentes nas citações, optamos por grafar esses nomes em conformidade com a lista de personagens da peça presente na tradução para o português de Rafael Raffaelli, publicada em edição bilíngue pela Editora da UFSC em 2014, apesar de não compreendermos as razões que levaram o tradutor a transpor alguns nomes próprios para o português (Próspero, Antônio, Trínculo e Íris) e deixar outros conforme o original (Sebastian, Ferdinand, Adrian, Caliban e Stephano).

<sup>4</sup> A partir daqui, usamos os pronomes *eu* e *outro* em itálico e minúsculo no singular para referir-nos à dicotomia eu-outro sem implicar relação de poder de um sobre o outro e vice-versa.

Escobar Negri (2014), ao discutir a questão do duplo em Caliban e o papel da linguagem na construção identitária, apresenta-nos que a identidade é um movimento em construção nunca acabado, uma busca contínua em que o duplo está constituído. O ser-signo se dá com o *outro* ou com a projeção de si como *outro*. O conceito de signo na perspectiva de Peirce (2010) nos ajuda a compreender o entrelaçamento dessa relação do *eu* com o *outro*. Segundo o autor, um signo é tudo o que enseja outra coisa (o *interpretante* do signo, isto é, um signo de lei, da cognição) a referir-se ao que o signo significa, o seu *objeto*, que também é um signo. Essa relação triádica entre o signo e seu objeto por meio de um interpretante (que se torna signo na relação) implica outra relação triádica de signo-objeto-interpretante de modo *in continuum ad infinitum*. O encadeamento de ação entre esses signos faz surgir o conceito de *semiose*: o signo em ação (PEIRCE, 2010).

Partindo desse modelo triádico do signo tal como proposto por Peirce, consideramos que a personagem Caliban na peça *A tempestade só assume a forma* de signo quando passa a constituir uma relação triádica em seu modo de ser. O ser-signo para alguma coisa implica um interpretante que determine a relação signo-objeto. Desse modo, acreditamos que essa relação se completa com a chegada de Próspero à ilha na qual Caliban reside. É nesse encontro do *eu* com o *outro* que Caliban passa a ser chamado de Caliban e se torna um signo que desenvolve uma semiose no que tange à interação com Próspero e as demais personagens da peça. Dessa maneira, o modo de ser de Caliban antes de se tornar signo para Próspero e ter um nome dado a partir do encontro com o *outro* corresponde ao modo de ser como possibilidade. Esse ser como possibilidade se refere a Caliban na ilha com seu legado cultural herdado de Sycorax (mãe de Caliban) e construído em interação com o meio antes da chegada de Próspero. Esse modo de ser constitui a nossa primeira categoria de análise da mutabilidade do ser em Caliban.

Usamos a ideia de possibilidade no mesmo sentido da categoria de *Primeiridade* proposta por Peirce (2010): aquilo cuja qualidade de ser independe de qualquer outra coisa para que seja como tal. O modo de ser de Caliban antes da chegada de Próspero é um ser do possível para o próprio Próspero e o leitor. É por meio dessa personagem que se conhece Caliban como Caliban. Nesse caso, consideramos aqui uma possibilidade qualitativo-positiva como uma qualidade que é um

vir-a-ser. É esse o modo de ser possível de Caliban que antecede ao encontro com Próspero, de quem se torna escravo.

O *eu* de Caliban pré-Próspero faz parte de toda a sua existência desde o nascimento. Sycorax, sua mãe, apontada por Próspero como bruxa, fora banida de Argel, sendo abandonada por marinheiros em tal ilha ainda grávida de Caliban. Sycorax tinha Setebos como deus – que viria a ser abandonado por Caliban por este considerá-lo menor que o deus cultuado pelos europeus – e Ariel como espírito a seu serviço, sendo que este, antes da chegada de Próspero à ilha, fora aprisionado na fenda de um pinheiro por se mostrar incompatível com as ordens de Sycorax e viria a se tornar, depois de liberto por Próspero, seu servo. Diante disso, o ser como possibilidade constitui-se como um signo que é um vir-a-ser mediante certa qualidade. Logo, Caliban como signo *nasce-com* e *nasce-para* Próspero, a quem se deve o aparecimento de Caliban como uma *presença* na narrativa. Essa presença, de todo modo, não implica um apagamento da cultura e da linguagem de Caliban, mas uma descoberta que gera obsistência com a cultura e a linguagem de Próspero.

A presença de *Caliban-signo* remete-nos a pensar a função do nome. Escobar Negri (2014) releva que o nome próprio é a primeira marca de identidade por meio da linguagem, mas ressaltamos que todo signo se constitui apenas a partir de outros. Quem é Caliban? Caliban é *um escravo selvagem e disforme*. Intriga-nos pensar por que Shakespeare descreve as personagens seguindo uma lógica de posição social. Sycorax, por exemplo não atua na peça, logo, não aparece na lista de personagens; e Caliban, por seu turno, não pode ser descrito como *filho de...* tal como Ferdinand aparece como *filho do* rei de Nápoles. Caliban não é nobre, tampouco Sycorax. Portanto, recebe signos desprezíveis. Ademais, o artigo indefinido em *um escravo* [*a slave*] descreve Caliban como qualquer outro, num signo divisor de cultura, identidade, linguagem e modos de ser-estar, pois, como lembra Escobar Negri (2014), Caliban é nomeado pelo *outro* e com a língua também do *outro*. Nesse contexto, entendemos que Caliban se torna uma personagem que representa sujeitos subalternos, periféricos às classes dominantes.

A partir do modo de comunicação entre as personagens, podemos perceber que a linguagem reporta e provoca no *eu* inquietações próprias da natureza humana, o que Vaughan e Vaughan (2001)

observam como oriundas do caos do homem. Caliban espelha esse comportamento quando usa uma linguagem diferente da de Próspero com versos brancos. O próprio substantivo *Caliban*, como aponta a crítica de *A tempestade*, sugere ter sido formado a partir da palavra *canibal*, anagrama que se perde em algumas traduções, como *Calibã*, em português. O mundo natural é a força-motriz de seu discurso. É no perfil disforme e selvagem que recaem os epítetos negativos usados pelas demais personagens da peça para referir-se a Caliban. Isso, de certo modo, constitui-se como potencialização da mutabilidade do ser.

O ser como possibilidade de um vir-a-ser torna-se uma qualidade em confronto com a presença do *outro*. A qualidade de ser Caliban em estágio pré-Próspero por meio da capacidade de subsistência na ilha, costumes, religiosidade e outros aspectos linguísticos e culturais potencializa todos esses elementos da condição de existência de Caliban que entram em confronto obsistente com os de Próspero como presença do *outro*. A obsistência, para Peirce (2010, p. 27), corresponde ao que a *Segundidade* se distingue da *Primeiridade*: é o que faz “de uma coisa aquilo que uma outra a obriga a ser”. No contexto da peça em análise, essa outra coisa concebemos como o próprio Próspero, que determina a identidade, o comportamento e a vontade de Caliban numa obsistência (dualidade) *eu-outro* com poucas chances de rompimento dessa dicotomia. Um trecho da peça que reforça o nascimento de Caliban como signo que afirma a condição de existência pré-Próspero, desde que o conhece, pode ser observado no diálogo entre Ariel e Próspero quando este despreza a presença étnica e cultural de Caliban na ilha:

Assim ficou esta ilha –  
Exceto pelo filho que ela pariu aqui,  
Um filhote sardento, cria de bruxa – sem a honra de  
Uma figura humana  
(SHAKESPEARE, 2014, Ato 1, Cena 2, p. 57).

Próspero descreve que após a morte de Sycorax nada restou na ilha a não ser Ariel preso no pinheiro e o próprio Caliban. A relação entre Próspero e Caliban a princípio (Ato 1, Cena 2) era bastante afetiva. Caliban dividia a mesma cela com Próspero, que tratava bem Caliban enquanto o nativo o retribuía mostrando o que havia de melhor na ilha. Alegando uma tentativa de estupro contra Miranda, Próspero pune Caliban e toma-o como escravo para cumprir serviços bra-

çais. Desde então, tanto Miranda como Próspero desprezam a figura humana de Caliban, embora este seja considerado indispensável para as tarefas árduas.

O *nascer-com* de Caliban em relação a Próspero é de subordinação e negação de traços humanos. Contudo, é numa fala de Miranda em relação a Ferdinand, filho do rei de Nápoles, quando reclama sua reputação ao pai, que implicamos Caliban ser um homem, apesar dos epítetos animais a ele atribuídos. Miranda refere-se a Ferdinand como o “terceiro homem” que já tinha visto naquela ilha (SHAKESPEARE, 2014, p. Ato 1, Cena 2, p. 71). Ora, se Ferdinand foi o terceiro e o pai o primeiro, então Caliban certamente fora o segundo, visto que não havia encontrado mais ninguém na ilha. O próprio Próspero também reitera isso:

Quer advogar para um impostor? Calada!  
Você pensa que não existem outros iguais,  
Já que só viu ele [Ferdinand] e Caliban. Tolinha,  
Diante da maioria dos homens este é um Caliban,  
E eles, em contraste, anjos.  
(SHAKESPEARE, 2014, Ato 1, Cena 2, p. 75).

Isso, apesar das controvérsias que encontramos na peça, tal como no Ato 3, Cena 1, quando Miranda desmente o fato de Caliban ser homem ao afirmar a Ferdinand que até então não tinha encontrado na ilha alguém que pudesse ser chamado de homem além do próprio Ferdinand e de Próspero, pai dela. Miranda reforça ainda certo desprezo pela corporeidade de quem não pertencesse ao círculo social que ela formava. Embora seja irônico, não se pode negar os traços humanos de Caliban. Portanto, nossa leitura considera Caliban um homem, embora não o seja considerado como tal diante do grupo social dos novos habitantes da ilha. Aos poucos esses fatores depreciativos contra Caliban constituem uma potencialização de mutabilidade do ser, especialmente quando é condenado por Próspero pela tentativa de estupro contra Miranda.

Quando se submete aos poderes de Próspero, o arbítrio de Caliban passa a ser o do próprio Próspero. Essa submissão mantém Caliban condenado a não ser livre e ele sofre por essa angústia. O sofrimento se dá por não possuir tal liberdade, o que sugere um sofrimento oposto ao que propõe Sartre (2017) ao pensar que o homem está condenado a ser livre. O estar-livre, como proposto por Sartre,

seria o fato de que o homem possui autonomia para lidar com escolhas e, assim, ser responsável por tal liberdade de ser capaz de tomar decisões. Com Caliban acontece o oposto: a liberdade de ação está subordinada a Próspero. Esse movimento do corpo contra a própria vontade gera um sentimento de angústia e revolta no indivíduo. Isso causa uma relação diádica que entendemos como *ser por obsistência*. Um ser que faz o outro ser o que é mediante a relação obsistente entre ambos. A relação assimétrica de poder de Próspero sobre Caliban se dá a partir do momento em que este aprende a linguagem daquele, fase considerada por Escobar Negri (2014) como de aprisionamento identitário de Caliban.<sup>5</sup>

Embora forçado a aprender a língua do outro, Caliban possuía uma língua própria diferente da de Próspero. No entanto, a peça não mostra diálogos envolvendo a língua de Caliban. Além de se tornar uma língua vencida pela do europeu, Caliban era o único habitante da ilha antes da chegada de Próspero, o que anulava o uso social de sua língua materna. A ideia de posse da língua é um caso que chama atenção. Ao buscar madeira, Caliban é surpreendido pela presença de Trínculo e Stephano, que são confundidos com espíritos a mando de Próspero como castigo. Durante o encontro, Caliban se submete aos desconhecidos e Stephano se surpreende ao perceber que Caliban fala o mesmo idioma que eles: “onde diabos aprendeu nossa língua?” (SHAKESPEARE, 2014, Ato 2, Cena 2, p. 115). Até que ponto Stephano poderia considerar Caliban um sujeito usurpador da língua alheia? A condição de corporeidade de Caliban, por ser um nativo e pertencer à etnia distinta da de Stephano, conduz Stephano à escolha nominal *nossa língua*. Aqui, como percebemos, a relação de poder de um *eu* frente ao *outro* acontece na ordem do discurso para o corpo.

Diante disso, podemos compreender que a língua, de certo modo, promove a domesticação da mente, da liberdade, da identidade, da cultura, dos desejos e do modo de ver o mundo que, por conseguinte, escraviza o corpo. Apesar da posse de certo tipo de discurso limitar a ação do corpo do *outro*, Caliban foi beneficiado com um processo

---

<sup>5</sup> Esclarecemos que a edição adotada para citações segue, no Brasil, a tradição de colocar Miranda como responsável por ensinar a Caliban uma língua europeia, tradição que remonta ao *First Folio* editado por John Heminges e Henry Condell, em 1623, e é seguida por importantes edições contemporâneas de *A tempestade*, como, por exemplo, as prestigiosas edições *The Arden Shakespeare: The Tempest*, publicadas em inglês pela Routledge.

de semiose oriunda da linguagem que, aos poucos, começa a conscientemente usufruir para a conquista de sua liberdade. Próspero e as demais personagens da peça não se tornaram conscientes disso. Vejamos.

Quando Caliban aprendeu a língua do *outro*, a de Próspero, esta abriu um novo horizonte na sua mente não só para a compreensão desse *outro*, mas também para a formação de um nivelamento dessa relação discursiva. Isso proporciona, em certa medida, o rompimento do ser como obsistência e a sua respectiva elevação a outro modo de ser. Quando Caliban toma consciência de que a nova língua o permitia ver o mundo numa perspectiva diferente, percebemos que o ser como obsistência começa a implicar um tipo de signo que na filosofia de Peirce (2010) é conhecido como *interpretante*: o signo transuasional ou transuasivo. É o signo da cognição, da razão, da lei e dos processos cognitivos que condiciona um signo a possuir um objeto e, assim, implica uma semiose.

A partir da ideia do signo interpretante em Peirce, podemos afirmar que o modo de ser obsistente de Caliban se desenvolve para o que chamamos de modo de *ser por transuasão*. Isso se torna um ser transuasivo: o ser que resulta da razão e dos processos cognitivos. Peirce (2010, p. 27) caracteriza a transuasão como a “mediação, ou a modificação da primeiridade e da secundidade pela terceiridade, tomada à parte da secundidade e da primeiridade; ou, é ser enquanto cria obsistência!”. Neste caso, nossa perspectiva sobre o ser por transuasão ocorre em virtude do ser por obsistência que institui sobre a consciência de Caliban o reconhecimento de seu espaço-tempo. É disso que acreditamos se tratar o momento quando Caliban dá-se conta de que a língua aprendida do *outro* também pode ser usada contra o *outro*:

CALIBAN

Você me ensinou a falar e o meu proveito nisso  
Foi saber como praguejar. Que a peste vermelha a consuma  
Por ter me ensinado a sua língua!

PRÓSPERO

Semente de bruxa, fora!  
Traga lenha, e é melhor que seja ligeiro,  
Pois há outras tarefas a cumprir – não está nem aí, maligno?  
Se negligenciar ou fazer com má vontade  
O que ordeno, o atormentarei com as câibras da velhice

(SHAKESPEARE, 2014, Ato 1, Cena 2, p. 63).

Neste momento trazemos para a discussão as ponderações de Sharma (2015), quando sugere que, ao passo que Miranda e Próspero usam a linguagem como forma de conhecerem a si mesmos, Caliban reage rebeldemente, sem perceber o poder que a linguagem constitui. Contudo, será que essa reação de Caliban também não é uma forma de poder? Caliban até certo ponto não reconhece o poder que a linguagem lhe atribuíra, mas com o processo de transuasão começa a tornar-se mais consciente do poder que a língua possibilita que o falante tenha. Escobar Negri (2014) observa que a linguagem transfere Caliban de um aprisionamento para a libertação de si por se apropriar das engrenagens de poder que a língua constitui. A manifestação de angústias revela uma voz ativa na linguagem. Aprender a língua do europeu fez Caliban expandir seu conhecimento de mundo e lutar contra o colonizador de uma forma até então desconhecida, embora ainda em níveis assimétricos de relação de poder.

Caliban demonstra ter, também, poder sobre a linguagem usando expressões agressivas contra Próspero, o que Centeno (1995) vê como uma vantagem. A vivacidade desse verbo em Caliban mostra que a língua possui força cognitiva dentro dele. Tal expressividade da linguagem em Caliban serve como mecanismo de defesa e desejo contra Próspero. É curioso notar que Próspero possui poder mágico sobre Caliban, mas Caliban não possui o mesmo sobre Próspero, embora a língua utilizada por ambos seja a mesma. Uma maldição funciona e outra não. Isso mostra que os signos deixam de ser como tais e perdem o significado, como lembra Deely (1990). Podemos pensar ainda que, por não ser mago, a magia de Caliban contra Próspero não possui efeito. Próspero, por seu turno, consegue criar efeitos fantásticos não por capacidade própria, mas pelo uso da vara e do domínio de conhecimento adquirido pelos livros que fazia uso o tempo inteiro, o que considerava ser seu maior tesouro. Se Gonzalo, um nobre napolitano e conselheiro, não tivesse provido Próspero com tais objetos, certamente o duque de Milão estaria condenado a viver o resto da vida na ilha sem poder executar magia alguma. Desse modo, até que ponto a linguagem consegue modificar a constituição do ser sendo este apenas um objeto do verbo? Certamente, como apresentam Vaughan e Vaughan em sua nota introdutória à edição de *The Tempest* (2001), o desprezo linguístico de Próspero quanto a Caliban reitera apenas

sua fúria contra a rebeldia do escravo, o que não demonstra que o selvagem seja, de fato, os atributos linguísticos que lhe são nominados metaforicamente.

De modo similar, o próprio Caliban assume possuir um ser que tampouco é Caliban: o ser manipulado e que *nasce-com* Próspero. Centeno (1995) revela que os epítetos negativos usados por alguns personagens para referir-se a Caliban são apenas modos de insulto contra a identidade do que se apresenta como o *outro*. O não reconhecimento desse *outro* como humano é também uma forma de defesa e identificação de si para negar-se como identificado a esse *outro*. Aqui fazemos uma referência a Peirce (2010), quando postula que tornar-se ciente de si mesmo resulta do conhecimento do *não-eu*. Esse *não-eu* pode ser entendido atualmente no papel do *outro* numa linguagem colonialista. Diante disso, Próspero é um homem. Caliban é alguma coisa que faz Próspero reconhecer-se como tal. Dessa forma, se Próspero afirmar que Caliban também é homem, por certo a qualidade de homem deste equivaleria à de Próspero. Logo, Próspero seria um homem tão repugnante quanto Caliban.

Quiçá seja por essa razão que Próspero não assume Caliban como um homem, pois seria equivocado fazer-se homem semelhante a outro sem nivelamento de valores culturais, éticos, morais, políticos e sociais. Assim, Caliban é referido por Próspero numa linguagem notadamente de repugnância física e afetiva, como ocorre, por exemplo, com as expressões *filhote sardento*, *cria/semente de bruxa*, *tartaruga*, *rude*, entre outras. Em comparação a Próspero, Trínculo e Stephano também usam linguagem rude para referirem-se a Caliban, tais como *monstro*, *peixe*, *homem da lua* (lenda folclórica) e outros. O desprezo de Próspero desperta em Caliban a capacidade de perceber mudança de sentimento temporalmente, como percebemos nesta fala de Caliban:

Quando chegou  
Era todo afagos e lisonjas, me trazia  
Água com framboesas e me ensinou  
A nomear a luz maior e a menor,  
Que queimam de dia e de noite; e assim lhe amei  
E lhe mostrei todas as qualidades da ilha, [...].  
(SHAKESPEARE, 2014, Ato 1, Cena 2, p. 61).

Caliban revela aqui que foi Próspero quem o ensinou a língua europeia. Se Miranda alega que foi ela, então ambos participaram desse processo. O posicionamento de Trínculo, quando confunde Caliban com um monstro ou peixe pelo cheiro de peixe, faz-nos pensar sobre a falibilidade do signo. Peirce (2010) considera que o conhecimento é falível. A falibilidade das coisas implica que a relação signo-objeto se sujeita a um interpretante que media tal relação por ser capaz de implicar outra do mesmo tipo *in continuum ad infinitum*. Isso leva-nos a refletir que Eco (2005) comenta que à longa distância a imagem de uma pessoa pode ser confundida com a de outra. A proximidade permite a certeza da identidade dessa pessoa. Por conseguinte, será que a identidade do *eu* consiste nessa constante aproximação com o *outro*? Se for o contrário, o *eu* acaba se tornando uno. E sem essa presença do *outro* o *eu* sequer pode tomar conhecimento de si mesmo.

Isso faz-nos pensar que a mutabilidade desse *eu* em Caliban resulta dessa falibilidade do *ser* diante do processo de evolução e perecimento das coisas. Não basta somente que o *eu* mude, pois o mundo externo também muda. Nessa obsistência *eu-mundo*, o mundo determina o *eu* e o faz ser o que é. Nesse processo, Escobar Negri (2014) pontua que Caliban parte de uma condição de ignorância de si para a de conhecimento. Diante disso, vemos que a negação do ser externo para afirmação de si fundamenta a *mutabilidade de ser* por não se firmar no mundo como constância. O não-ser de Caliban é por se manifestar como presença para o *outro*. Nesse ponto observamos que a experiência do álcool com Trínculo e Stephano produz uma ironia por deixar Caliban conduzir uma narrativa de subordinação a um sujeito fracassado. Caliban, sob efeito do álcool, torna-se incapaz de perceber que comete erros. A experiência do efeito do álcool *a posteriori* fez Caliban reconhecer sua própria mediocridade em ter se submetido a indivíduos tão ridículos. Dessa maneira, consideramos o álcool um signo que propulsiona a consciência real de Caliban. A embriaguez estimula a vingança: matar Próspero possibilitaria Stephano tornar-se rei, herdar a ilha, casar-se com Miranda, tornando-a rainha, e fazer Trínculo e Caliban de vice-reis.

É curioso notar que, no planejamento do crime, Caliban reconhece que, sem os livros, Próspero seria um sujeito tolo: os livros deveriam ser queimados. Aqui implicamos que a formação hermenêutica atribuída a Próspero era o que faltava em Caliban para que este fosse consi-

derado uma figura humana de valor. Todavia, Caliban começava a ter uma formação básica por pelo menos aprender a língua dos europeus. Embora não enobrecesse Caliban, o idioma facilitou a comunicação e a tentativa de vingança. Próspero e/ou Miranda ensinaram a Caliban sua língua, mas não o fizeram imaginando que esta permitiria a Caliban se comunicar com outros europeus, menos ainda conspirar com estes a destituição de Próspero. Desse modo, a mesma língua usada por Próspero como ferramenta de manipulação de Caliban começa a se tornar a arma que poderia tê-lo destruído.

Nesse aspecto concordamos com Sharma (2015), ao afirmar que a linguagem e o conhecimento são fundamentais para a ascensão ao poder. Por ser capaz de comunicar-se com Trínculo, Stephano e qualquer outro que dominasse a mesma língua que lhe fora ensinada, Caliban começa a dar voz à sua própria narrativa histórica. O ser por transuasão se torna cada vez mais forte. Caliban reitera que a ilha ainda lhe pertence por tê-la herdado de Sycorax e recusa-se realizar os trabalhos a mando de Próspero:

CALIBAN

Não farei mais represas para peixes,

Nem cortarei lenha

Quando mandarem,

Nem limparei os pratos, nem lavarei a louça:

Ban, Ban, Ca-Caliban

Tem um novo mestre – consiga outro!

Liberdade, grande dia! Grande dia, liberdade! Liberdade, grande dia, liberdade!

(SHAKESPEARE, 2014, Ato 2, Cena 2, p. 123).

Apesar de perder o domínio sobre a ilha e agora ser mantido em confinamento, Caliban amplia seus horizontes com a aquisição de outra língua. Isso o afetaria profundamente e o dotaria de capacidade de enfrentamento e resistência, mesmo considerando-se o fracasso da rebelião de Caliban, Trínculo e Stephano contra Próspero. A introspecção assume a primeira forma de manifestação aspirante à liberdade que Caliban consome. O sentimento de libertação seria não mais cumprir os afazeres impostos por Próspero, como pegar lenha e executar afazeres domésticos, como lavar pratos. Caliban se torna, quiçá, o primeiro homem escravo na literatura que se recusa a lavar os pratos, mesmo que sob o efeito de álcool. Sobral (2000) reflete

uma angústia similar no poema “Não vou mais lavar os pratos” a partir do desejo da mulher de não executar tarefas que não se categorizam por gênero. Sobre Caliban, a revolta dentro de si não consegue manipular o poder de Próspero. Além de ter o plano fracassado, Caliban reconhece-se mais fracassado ainda por ter se submetido a dois beberões. Aqui destacamos que a consciência como signo terceiro formula o verdadeiro *eu* de Caliban. Os três modos de mutabilidade do ser (possibilidade, obsistência e transuasão) sistematizam o que chamamos de *ampulheta do ser*.

A mutabilidade do ser como uma ampulheta representa a concentração de uma presença como *ser* em valor binário 0-1. O valor 1 corresponde ao ser obsistente, o que é e existe. O valor 0 refere-se ao ser do possível ou modo de *vir-a-ser*. É nesse modo de ser como presença que existe a mutabilidade do ser para presença e ausência. Sua ausência se dá como *vir-a-ser* e como *devir*. O valor potencial é 0 em função de se tratar do *não-ser*. É um possível tanto no âmbito da formação como no da decomposição.

Se apanharmos com a mão um punhado da correnteza de um rio, podemos afirmar que temos na mão somente uma amostra do rio que é uma iconização do fluxo daquela correnteza. Isso não valida que teríamos o rio nas mãos. Em sentido paralelo, podemos refletir sobre a mutabilidade do ser em Caliban. Existem três fases que são primordiais para o registro de Caliban como presença e como *ser-estar* para alguma coisa. Apenas o *ser-estar* não garante a presença, pois na primeira fase, que chamamos de pré-Próspero, Caliban poderia *ser-estar*, mas não temos registro dele. Essa existência *está-para* ele mesmo. Assim, o *ser-estar* encerrado em si permanece em si mesmo e não se permite ser conhecido pelo *outro*. Esse valor é 0. É um *vir-a-ser*, um ser do possível.

Com a chegada de Próspero temos também o início da peça. Então, Caliban é obrigado a ceder seu próprio *ser-estar* para se condicionar ao *ser-estar* do *outro*, o de Próspero. Assim, concebemos que isso se constitui como presença e é um *ser-estar-para*. Esse modo de ser é igual a 1. Ele permanece em confronto com o *não-ser* que é o *outro* e permite haver o *vir-a-ser* e o *devir*. O *devir* corresponde ao que chamamos de fase pós-Próspero, aquela quando se encerra a peça. A partir daí, com valor 0, Caliban volta a *ser-estar-para-si*, como também ocorre com as demais personagens.

Diante dessa observação, entendemos que a gênese e a finitude do ser se dá no *ser-estar* encerrado em si, ao passo que o *ser-estar* para o outro condiciona por transuasão e obsistência uma presença que existe em determinado espaço-tempo. Portanto, o *devir* e o *vir-a-ser* correspondem a um espaço-tempo que não demanda direção. Não se pode determinar a qual lado esse modo de ser pertence: esquerda, direita, cima, baixo, anverso, verso... Pois fora da presença todo espaço-tempo é possível. Nossa categorização de pré- e pós- se dá não pela divisão desses fenômenos de um antes e um depois, mas pela formação e pela decomposição da presença como ser que possui um começo e um fim. Fora desse começo e desse fim, dessa finitude, o que entendemos existir é apenas um possível: o antes e o depois se tornam a mesma coisa por pertencerem ao mesmo universo dessa qualidade positiva.

O que se pode elucidar dessa manifestação do *outro* dentro do *eu* é que Caliban constitui-se ao longo da peça como um ser em fluidez. A mudança de ser não se trata simplesmente da forma de comportar-se, mas do modo de agir e pensar. A expressão do *eu* não se mantém constante, porque Caliban desenvolve um *eu* que é construído a cada momento de aprendizagem com o *outro*. Esse *outro* ora é Próspero, ora é Miranda, Trínculo, Stephano e a experiência com o álcool. A ideia do *outro* também começa no próprio *eu* de Caliban. A permanência de si constitui-se como uma presença para o *outro*. Nisso, a sua deformidade é iconizada com a própria postura de ser. Próspero demonstra essa qualidade ao retrucar para Alonso que Caliban era tão disforme na sua aparência física como na sua capacidade de introspecção e comportamento adequado.

Finalizamos nossas discussões com uma referência à fala de Gonzalo sobre o desfecho da peça, quando diz que, naquela circunstância do naufrágio na ilha, todos se *acharam* quando estavam *perdidos* e sem *pertencimento* de si mesmos. A relação de causa e efeito implicada por Gonzalo mostra que o encontro de si quando nem mesmo a si se pertence implica a mutabilidade do ser e o modo como o *ser-estar* para si cede espaço para o *ser-estar* para o outro para depois voltar a si mesmo. Por fim, reiteramos que a mutabilidade do ser em Caliban parte da própria inconstância do *outro*. A ideia de *outro* precisa ser manifestada no *eu* para que o ser possa surgir. Percebemos a resistência Caliban-Próspero como um viés de articulação de

signos de diferenças culturais, o que abre margem para outro estudo pensado por meio dos conceitos teóricos à luz de Bhabha (1994). Desse modo, a fluidez do *outro* interfere na presença do ser presente. Logo, afirmamos que a manifestação do ser é uma iconização de uma constância incapaz de ser concebida em sua continuidade. Caliban só se torna ciente de si mesmo ao confrontar por obsistência o ser de Próspero.

Noak (2006) discute que a identidade como fator relativo deve ser transcendente, por configurar-se entre o mundo interno e o externo do *eu*, e ontológica, por fazer dessa identidade uma entidade baseada numa relação transcendental e intra-subjetiva. Isso nos enseja a pensar em outro estudo.

## Referências

- BHABHA, Homi. *The location of culture*. London and New York: Routledge, 1994.
- CENTENO, Yvette. Shakespeare: Caliban ou as fulgurações da linguagem (materiais de trabalho). *Hvmanitas*, Universidade de Coimbra, v. XLVII, p. 1069-85, 1995. Disponível em: [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/63\\_Centeno.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/63_Centeno.pdf). Acesso em: 22 maio 2019.
- DEELY, John. *Semiótica básica*. Tradução de Julio C. M. Pinto. São Paulo: Ática, 1990. (Série Fundamentos; 80).
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução de M. F.; revisão da tradução e texto final de Monica Stabel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ESCOBAR NEGRI, Matilde Belén. Caliban (y) el doble: la relectura del mito, el problema del lenguaje y la construcción identitaria. *Argus-a: Artes & Humanidade/Arts & Humanities*, Buenos Aires e California, v. 3, ed. n. 13, jul. 2014. Disponível em: <http://www.argus-a.com.ar/archivos-dinamicas/caliban-y-el-doble.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.
- NOACK, Juliane. A ideia de identidade sob uma perspectiva semiótica. *Revista GalÆxia*, São Paulo, n. 12, p. 103-113, dez. 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1455/919>. Acesso em: 10 jul. 2019.

PEIRCE, Charles. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46; dirigida por J. Guinsburg).

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Tradução e notas de Paulo Perdigão. 24. ed. 3. reimp. Petrópolis: Vozes, 2017.

SHAKESPEARE, William. *A tempestade (The Tempest)*: edição bilíngue português-inglês. Inclui as partituras originais. Tradução de Rafael Raffaelli. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. Editado por Virginia Mason Vaughan e Alden T. Vaughan. London: The Arden Shakespeare, 2001.

SHARMA, Deepti. Caliban's use of language in Shakespeare's The tempest. *Anu Books: Notions*, New Delhi, v. 6, n. 3, p. 114-19, 2015. Disponível em: <http://anubooks.com/wpcontent/uploads/2017/03/Not-Vol-6-No.-3-17.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. [s.l.], 2000. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VAUGHAN, Virginia Mason; VAUGHAN, Alden T. (ed.). Introduction. *In*: SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. Editado por Virginia Mason Vaughan e Alden Vaughan. London: The Arden Shakespeare, 2001. p. 1-138.

*Recebido em: 12/08/2022*

*Aprovado em: 20/02/2023*